

Adolescentes autores de agressão sexual: relação entre orfandade e percepções sobre violência

Elana Fabricia Ferreira Araujo^a
Lilia Iêda Chaves Cavalcante, Ph. D.^b
Universidade Federal do Pará, Brasil

 elanaffa@gmail.com

Resumo

A agressão sexual é um fenômeno multifatorial cuja prática pode estar associada à exposição a experiências adversas durante a infância, como a orfandade. Diante disso, objetivou-se descrever como a violência e a orfandade se manifestaram na trajetória de seis adolescentes autores de agressão sexual, relacionando esses aspectos às percepções por eles expressas. Caracteriza-se como uma pesquisa exploratória-descritiva, com uso de estudos de casos múltiplos. Os achados indicam que, embora adolescentes não órfãos também estejam expostos a adversidades, o quantitativo de experiências adversas entre órfãos foi significativamente superior, fator descrito na literatura como de risco para comportamentos agressivos. Ao considerar que os autores de agressão são caracterizados como um grupo heterogêneo, a análise da variável da orfandade possibilita observar particularidades entre os subgrupos, contribuindo para a elaboração de políticas de prevenção.

Palavras-chave

Adolescência; agressão sexual; experiências adversas na infância; orfandade.

Tesouro

Tesouro de Descritores em Ciências da Saúde da OMS.

Puntos clave

- A violência sexual é um fenômeno multifatorial e, para compreendê-la, necessita-se olhar para o contexto social e subjetivo de quem está praticando esse ato.
- Ao pôr em foco a orfandade, observou-se que os participantes órfãos foram expostos a múltiplas adversidades em suas trajetórias, contexto que propicia o cometimento de violências.
- Investigar o contexto da violência sexual envolve considerar a responsabilidade social na manutenção dessa prática.

Para citar este artículo

Araujo, E. F., & Cavalcante, L. I. (2027). Adolescentes autores de agressão sexual: relação entre orfandade e percepções sobre violência. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 25(1), 1-21.
<https://doi.org/10.11600/rllcsnj.25.1.7106>

Historial

Recibido: 12.05.2025

Aceptado: 25.03.2026

Publicado: 15.09.2026

Información artículo

O artigo é um recorte dos resultados encontrados pelo projeto guarda-chuva intitulado «A orfandade como experiência adversa na infância entre vítimas e autores de agressão sexual na Mesorregião Metropolitana de Belém-PA». A investigação iniciou em fevereiro de 2022 e finalizou em março de 2024. **Área:** psicologia. **Subárea:** psicología del desarrollo.

Ciencia abierta

Este artículo no permite acceso a material suplementario y a los datos originales de la investigación.

Adolescent perpetrators of sexual assault: Relationship between orphanhood and perceptions of violence

Abstract

Sexual assault is a multifactorial phenomenon whose practice may be associated with exposure to adverse experiences during childhood, such as orphanhood. The aim of this study was to describe how violence and orphanhood manifested themselves in the lives of six adolescent perpetrators of sexual assault, relating these aspects to the perceptions they expressed. This is an exploratory-descriptive study using multiple case studies. The findings indicate that although non-orphaned adolescents are also exposed to adversity, the number of adverse experiences among orphans was significantly higher, a factor described in the literature as a risk factor for aggressive behavior. Considering that perpetrators of aggression are characterized as a heterogeneous group, the analysis of the orphanhood variable makes it possible to observe particularities among the subgroups, contributing to the development of prevention policies.

Keywords

Adolescence; sexual assault; adverse childhood experiences; orphanhood.

Adolescentes perpetradores de agresión sexual: relación entre orfandad y percepciones de violencia

Resumo

La agresión sexual es un fenómeno multifactorial cuya práctica puede estar asociada a la exposición a experiencias adversas durante la infancia, como la orfandad. El objetivo de este estudio fue describir cómo la violencia y la orfandad se manifestaron en la vida de seis adolescentes agresores sexuales, relacionando estos aspectos con las percepciones que expresaron. Se caracteriza por ser una investigación exploratoria-descriptiva, que utiliza múltiples estudios de caso. Los resultados indican que, aunque los adolescentes no huérfanos también están expuestos a la adversidad, el número de experiencias adversas entre los huérfanos fue significativamente mayor, un factor descrito en la literatura como un factor de riesgo para el comportamiento agresivo. Considerando que los agresores se caracterizan como un grupo heterogéneo, el análisis de la variable orfandad permite observar particularidades entre los subgrupos, contribuyendo al desarrollo de políticas de prevención.

Palabras clave

Adolescencia; agresión sexual; experiencias infantiles adversas; orfandad.

Información autoras

(a) Psicóloga, Universidade Federal do Pará, Brasil.  0000-0002-0395-5721. Índice H5: 0. Correo electrónico: elanaffa@gmail.com

(b) Pós-doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará, Brasil.  0000-0003-3154-0651. Índice H5: 14. Correo electrónico: liliaccavalcante@gmail.com

Introducción

Os estudos sobre as *experiências adversas na infância* (EAI) e seus impactos sobre o desenvolvimento humano têm ganhado importância na literatura das ciências da saúde (Alves *et al.*, 2013; Rodrigues, 2021). As EAI são descritas por Felitti *et al.* (1998) como experiências vivenciadas até os 18 anos de idade, cujo potencial traumático possibilita que elas se tornem fonte de estresse em curto e/ou longo prazo. Nessa direção, Rodrigues (2021) acrescenta que os efeitos no desenvolvimento biopsicossocial ocasionado por tais adversidades é interferido não somente pela intensidade da experiência, como também a rede de apoio e proteção que envolve o sujeito.

Dentre os possíveis impactos à trajetória de vida produzidos pela exposição à EAI, aponta-se o desenvolvimento de doenças crônicas, a manifestação de comportamentos de risco, como prática de atos criminosos, e casos de morte precoce (Ferraz *et al.*, 2023). Conforme estudos de Alves *et al.*, (2013), observa-se, de modo geral, altas taxas de adversidades vividas por indivíduos privados de liberdade. Em pesquisa com adultos ofensores sexuais, Ferraz *et al.* (2023) apontam uma relação entre a frequência da exposição a EAI e a intensidade da violência perpetrada na fase adulta.

Tendo em vista os dados apresentados, demonstra-se a complexidade que caracteriza o fenômeno da violência, o qual é reflexo do período histórico e do contexto social em que se apresenta (Reis, 2016; Tavares & Costa, 2023). Nesse contexto, a violência sexual pode ser definida como todo ato sexual que se utiliza da sexualidade da vítima por meio da coerção, sem a necessária inclusão de contato físico ou consumação do ato (Araújo & Cavalcante, 2024; Bastos *et al.*, 2021).

Por outro lado, a literatura destaca que, apesar de um percentual significativo da população de autores de agressão sexual apresentar múltiplas EAI, não existe um perfil homogêneo e, ao investigar o percentual representado por adolescentes, a característica heterogênea do grupo se acentua. Nessa direção, as adversidades vivenciadas pelos adolescentes autores de agressão sexual apresentam singularidades e impactam o comportamento agressivo de modo distinto (Bastos *et al.*, 2021; Ferraz *et al.*, 2023), o que possibi-

lita a reflexão sobre a relevância de investigar categorias de EAI específicas nessa população.

Dentre as EAI descritas como frequentes na trajetória de adolescentes autores de agressão sexual, vivências com potencial traumático no âmbito familiar ganham destaque na literatura, como é o caso da experiência do abandono (Bastos *et al.*, 2021; Costa *et al.*, 2013). A ausência de um dos pais durante a infância e a adolescência, por abandono ou falecimento, impacta no desenvolvimento socioemocional e pode contribuir para a manifestação de comportamentos de risco (Eljo *et al.*, 2023; Tshamata & Okpalaenwe, 2023). Em outros termos, ao considerar a família como um pilar para a transmissão de valores e concepções referentes à sexualidade (Chica-Apolo *et al.*, 2025), a ausência de figuras parentais entre adolescentes autores de agressão sexual abre o questionamento para a função da orfandade, enquanto ausência de uma dessas figuras, na manifestação da violência, porém a história de vida desses autores é pouco explorada academicamente (Ferraz *et al.*, 2023).

Conforme Zaitov e Jusubaliev (2023), denomina-se órfão a criança ou o adolescente cujos pais faleceram até os dezoito anos, o que se enquadra na categoria de orfandade «biológica» ou «verdadeira», sendo o sujeito abandonado ou afastado da família de origem descrito como «órfão social». Entretanto, Eljo *et al.* (2023) definem esse fenômeno a partir dos efeitos psicossociais que o atravessam, caracterizando o órfão como o indivíduo que, diante da perda de um dos pais ou de ambos, vive uma experiência potencialmente traumática devido à carência de afeto e proteção que dela resulta. Para a discussão no presente estudo, defende-se a visão da orfandade como um fenômeno multifatorial, cuja causa pode ser o falecimento, o abandono ou separação dos pais por desastres ou conflitos, como explicam estudos recentes (Andayani *et al.*, 2023; Eljo *et al.*, 2023).

Ao considerar a heterogeneidade que caracteriza a população de adolescentes autores de agressão sexual (Araújo & Cavalcante, 2024), este artigo tem como objetivo descrever o modo como a violência e a orfandade, analisadas enquanto experiências adversas (Silva, 2023), se manifestaram na trajetória desse grupo, assim como sua relação com as percepções sobre agressão desses participantes. Nesse percurso, a proposta de direcionar a lente investigativa à parentalidade (ou a ausência dela) entre autores de agressão se apoia no fundamento de que a família apresenta um significativo papel na construção da percepção sobre sexualidade (Aranda *et al.*, 2025) e violência (Meza-Galván & Cruz-Torres, 2025). Diante da importância representada por tais figuras no desenvolvimento, a condição da orfandade coage o sujeito a buscar em outras fontes os parâmetros para se relacionar com o mundo. Nesse cenário, embora a ausência de uma ou ambas as figuras parentais

se apresente na trajetória de adolescentes autores de agressão sexual (Araújo & Cavalcante, 2024), apontar a relação entre essa vivência e a percepção sobre violência contribui para a compreensão da manifestação da agressão sexual entre adolescentes, além de apontar a necessidade de descentralizar da família o papel de educadora sexual e incentivar outros setores da comunidade.

O presente estudo descreve a relação entre essas mediante comparação qualitativa entre adolescentes não órfãos, órfãos por abandono e por falecimento de qualquer um ou ambos os pais. Essa categorização pretende identificar se a vivência da orfandade, a depender da causa, expõe os adolescentes a experiências distintas dos demais participantes. Nesse contexto, fez um estudo de casos múltiplos com um recorte dos resultados encontrados pelo projeto de pesquisa «A orfandade como experiência adversa na infância entre vítimas e autores de agressão sexual na Mesorregião Metropolitana de Belém-PA», desenvolvido pelo Grupo de Estudos de Autores de Violência da Universidade Federal do Pará, Brasil.

Método

Delineamento da pesquisa

Esta pesquisa tem um caráter exploratório-descritivo e utiliza uma abordagem qualitativa dos dados. Nessa direção, optou-se pelo uso do estudo de casos múltiplos (Yin, 2001), cujo método permite alcançar um olhar subjetivo às diferentes histórias apresentadas as quais são atravessadas pelo fenômeno da agressão sexual. A escolha desse instrumento metodológico reflete a percepção dos participantes como sujeitos construídos e construtores de seus contextos em uma dinâmica relacional (contrariando a perspectiva causal), conforme descreve a Bioecologia do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 2012). Em outras palavras, possibilita-se observar as trajetórias de vida investigadas e as EAI que as constituem de modo a enfatizar a singularidade de cada caso, assim como a relação entre tais experiências subjetivas e as percepções sobre violência dos adolescentes.

Considerações éticas

O projeto que abrange o presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer 18209313.1.0000.5172. Diante do formato de investigação, os participantes serão identificados com nomes fictícios a fim de promover a confidencialidade garantida a eles com a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Contexto

A pesquisa se desenvolveu em três instituições de atendimento socioeducativo localizadas no estado do Pará, Brasil.

Participantes

A amostra, selecionada de forma aleatória, é composta por seis adolescentes, cuja idade situa-se entre quinze e dezoito anos. Envolve adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, todos do sexo masculino, os quais estavam cumprindo medida de internação durante o período de 2022 a 2023. Os critérios de inclusão selecionados foram a ausência de laudos de condições médicas ou psicológicas graves, as quais poderiam comprometer a qualidade dos dados coletados em entrevista.

Instrumento

Fez-se uma análise documental dos processos jurídicos sob direcionamento do Formulário para Caracterização Biopsicossocial, elaborado pelo Grupo de Estudos de Autores de Violência. O instrumento integra à investigação, além de dados sociodemográficos (idade, cor/etnia, situação conjugal, religião e escolaridade), informações referentes ao contexto da agressão perpetrada.

Para além da pesquisa documental, realizou-se uma entrevista semi estruturada guiada pelo roteiro adaptado do estudo de Moura (2007) com autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, o qual abrange temas acerca de vivências na infância e na adolescência, saúde, rede de apoio, sexualidade e violência. As temáticas do roteiro conversam com os objetivos do estudo e direcionam a entrevista para a trajetória de vida do autor, o que permite ouvir o relato do adolescente sobre as adversidades enfrentadas.

Procedimento de coleta

Após a autorização dos órgãos responsáveis pelas unidades socioeducativas, houve o processo da inserção ecológica de equipe de pesquisa com visitas a três unidades socioeducativas indicadas em conformidade com os critérios para participação na pesquisa. Em relação ao formulário de caracterização biopsicossocial, os dados foram coletados por meio do exame dos prontuários dos socioeducandos disponibilizados pela equipe técnica da unidade, os quais continham informações sobre o ato infracional, o acompanhamento técnico dentro da unidade e características biopsicossociais dos adolescentes.

Para a pesquisa empírica, realizou-se uma entrevista junto aos adolescentes, de modo individual dentro das unidades de internação em salas que garantissem o sigilo, após a assinatura do Termo de Assentimento. Diante das relações de poder existentes na relação entre as pesquisadoras e os socioeducandos, o contato se iniciou com uma apresentação do estudo, destacando a prioridade de conhecer suas histórias no lugar do ato cometido, seguida de um convite-na tentativa de demonstrar respeito e criar um ambiente mais confortável. Torna-se relevante pontuar o não compromisso em corrigir ou contradizer os adolescentes, pois, a partir da liberdade para contar suas experiências e percepções, haverá a possibilidade de compreender seus processos de construção de subjetividade. Vale pontuar que as entrevistas foram gravadas em aparelho MP3 para possibilitar a transcrição do áudio.

Procedimento de análise

Os dados coletados por meio do formulário foram armazenados em uma planilha do programa Excel (Microsoft) e as entrevistas foram transcritas e armazenadas junto com os áudios para a análise de conteúdo. Ao seguir os processos propostos por Bardin (1977), a exploração do material se direcionou à seleção de trechos pertencentes a categorias estabelecidas previamente, isto é, referentes à percepção dos adolescentes sobre o que é uma agressão e às experiências de violência relatadas após perguntas sobre a descrição da infância e da adolescência.

Para verificar a confiabilidade sobre o pertencimento dos trechos à categoria sobre experiências de violência, eles foram submetidos à análise de dois juízes pesquisadores da psicologia que estudam o tema da violência e ao Teste de Concordância de Kappa. Diante do valor de Kappa igual a 1, o que demonstra a concordância total entre os juízes, os trechos identificados por ambos como não pertencentes ao tema foram retirados do estudo, enquanto os demais foram validados como experiências sugestivas de violência.

Resultados

A apresentação dos resultados está disposta em duas seções, sendo a primeira a descrição das trajetórias dos participantes, com destaque para aspectos da parentalidade, assim como os contextos associados à ocorrência do ato infracional, fazendo uso de dados obtidos nos formulários e nas entrevistas. Após a caracterização, fez-se a descrição e categorização da percepção dos participantes sobre suas vivências de violência, assim como a temática da agressão.

Os adolescentes citados com os nomes fictícios Marcio e Daniel são caracterizados como não órfãos, enquanto Mauro e João são órfãos por falecimento e Danilo e Fábio são descritos como órfãos por abandono. Inicialmente os casos serão descritos e, na sequência, submetidos à análise as percepções dos participantes.

Marcio

Márcio era um adolescente de dezessete anos que, até o início do cumprimento da medida educativa, trabalhou com agricultura e morou com os pais biológicos e dois irmãos. Em entrevista, apontou a situação de evasão escolar, pois começou a trabalhar com o pai como agricultor ainda na infância, embora destaque uma boa relação com ambos os genitores. Torna-se importante pontuar que o autor não confessou o ato, apesar da comprovação pela perícia.

Daniel

Daniel, adolescente de dezessete anos, residia com os pais biológicos e dois irmãos. O adolescente relatou a condição de evasão escolar, desde os doze anos, quando foi expulso da escola pelo envolvimento em lutas físicas, o que motivou a busca pelo trabalho como pedreiro e o uso de álcool. Torna-se importante pontuar que o pai de Daniel, durante sua infância, fazia uso abusivo de álcool e, quando estava sob efeito da substância, envolvia-se em brigas e agredia fisicamente a mãe do adolescente, a qual ele descreve como sua principal cuidadora.

Mauro

Mauro, à época com dezoito anos e em situação de evasão escolar, atuava no comércio de alimentos. Aos quinze anos, sua mãe faleceu, o que o levou a morar com a avó e dois irmãos, haja vista que não conheceu o pai biológico. Mauro destaca não recordar de momentos ruins ao lado da mãe e a retrata como sua principal cuidadora. Torna-se importante pontuar que, após o falecimento da mãe, Mauro iniciou o consumo de pornografia, assim como a prática de agressão sexual. Em relação ao ato infracional, ele o cometeu junto ao irmão mais novo, contra a irmã, de seis anos, de modo frequente até sua avó tomar conhecimento, a qual ele culpa pela violência, cuja justificativa foram as práticas parentais adotadas por ela. Durante a entrevista, Mauro destaca que sua irmã provocou a agressão e, somente na unidade socioeducativa, aprendeu a identificar o ato como violência sexual.

João

João viveu com sua mãe até os nove anos e, após o falecimento dela e o abandono por parte do genitor, enfrentou mudanças de lares, passando pelo serviço de acolhimento institucional e pela casa de irmãos. Apesar do convívio limitado com a mãe, João destaca o sentimento de felicidade em relação às lembranças com ela, mesmo considerando os episódios de agressão física sofridos por ela em relações amorosas. Nesse contexto, o adolescente destaca uma relação próxima entre os irmãos até o falecimento de sua mãe, evento que, segundo João, contribuiu não somente para a fragilidade dos laços familiares, como também o envolvimento com atos infracionais. Durante a infância, foi vítima de tentativa de agressão sexual por parte do padrasto, o qual também tentou perpetrar a violência contra o irmão mais novo de João. Aos dezesseis anos, foi vítima de tentativa de homicídio por parte de policiais. Em relação à agressão, o ato foi cometido no meio intrafamiliar contra uma criança do gênero masculino.

Danilo

Danilo era um jovem de dezoito anos o qual trabalhou com a produção de pães e se encontrava em situação de evasão escolar até o início da medida. Ademais, residia com a mãe, o padrasto e dois irmãos. Nesse contexto, o jovem destaca uma relação afetuosa com a mãe, a qual o incentivava a estudar e o aconselhava a se afastar da prática de atos infracionais, ao passo que não conheceu seu pai biológico e não busca informações sobre ele, pois afirma que seu padrasto o criou. No que tange a sexualidade, Danilo relatou consumir pornografia desde os quatorze anos, sobre a qual tomou conhecimento por meio de amizades, e ter trocado relações sexuais por dinheiro, em um único episódio. Em relação a medida, estava privado de liberdade pelo ato de agressão sexual contra um menino, neto de seu padrasto, no entanto, Danilo negou a acusação, cuja motivação, segundo ele, foi a má relação que mantinha com a família do padrasto.

Fábio

Fábio, de quinze anos e em situação de evasão escolar, residia com a mãe, o padrasto e dois irmãos. Durante a infância, morou com a avó e o tio em outro estado, pois sua mãe não conseguiu os recursos financeiros para mantê-lo, porém, quando Fábio completou sete anos, ela retornou ao convívio dele, momento descrito por ele como significativo pois pôde conhecer de fato sua mãe. Em relação ao pai biológico, o adolescente afirma não o ter conhecido e não pretende iniciar um contato, ao passo que considera o tio, o

qual era companheiro da avó, como figura paterna. No período da adolescência, iniciou o uso de álcool e outras drogas, assim como a prática de atos infracionais, como roubo e tráfico. Ainda nessa fase da vida, destacou ser vítima de agressão sexual por parte de um homem conhecido, o qual o coagiu para manter relações em troca de favores. Em relação ao ato infracional, Fábio estava cumprindo medida pela prática de agressão sexual, cometida em um único episódio contra uma criança do gênero feminino e vizinha do adolescente. Nesse contexto, afirmou estar sob efeito de drogas no momento do ato e não o recordar.

Dos seis casos estudados, verifica-se que todos os participantes foram expostos a diferentes adversidades, como por exemplo, violência e trabalho infantil, o que demonstra a tendência, apontada pela literatura, de frequentes vivências traumáticas entre adolescentes no sistema socioeducativo, tanto órfãos como não órfãos (Rigon, 2012). Por outro lado, durante as entrevistas, as tipologias de experiências adversas de violência relatadas apresentam divergências entre as categorias de participantes, exemplificadas por meio dos trechos dispostos na tabela 1.

Tabela 1

Relatos dos participantes sobre experiências adversas de violência

Participantes	Trechos da entrevista
Não órfão	Faziam bullying comigo, eles diziam que eu era doido, que eu não era normal, aí me separavam das outras crianças. (...) eu era agressivo, mas eles também me agrediam, com palavras. (Daniel) Aí o papai falava pra mim parar (de beber) (...) Aí eu falava pra ele «O senhor também foi assim, o senhor teve os seus momentos agora eu que vou viver o meu, porque eu lembro que o senhor bebia, batia no povo, chegava porre, brigava com todo mundo, o senhor apanhava dos outros». (Daniel)
Órfãos por falecimento	Com a mamãe não tive nenhuma lembrança ruim (...) Só me batia, mas tá bom, era coisa de mãe, tá certo. (Mauro) Eu via ela (mãe) sendo espancada, né, pelo meu padrasto (...) acho que isso daí me causou um pouco de revolta (...) eu deveria ter uns 6 anos ou 5 anos. (João) Eu corri, meu irmão... ele tentou (cometer agressão) com meu irmão também... eu acho que isso daí fez parte, né, da minha revolta e tal (...) isso não me abalou, eu... fiquei chateado, né? Minha mãe ficou, meus parentes, né? Mas pelo fato deu não comentar nada, não me afogar no meu passado, não sentir dores disso daí ou... emocionalmente e tal, psicologicamente. (João)
Órfãos por abandono	Eu vi, ele (companheiro da avó) ser esfaqueado assim, não chegou a morrer (...) acho que isso é uma lembrança bem ruim, me marcou... (Fábio) Ela (mãe) me teve bem nova, e ela me deixava com a minha avó. (...) ela era bem violenta. (...) ela era uma pessoa bem estourada, tudo ela queria bater, espancar, acho que porque ela também foi criada assim. (Fábio)

As falas selecionadas demonstram que a presença de ambos os pais não impediu os adolescentes não órfãos de enfrentarem diferentes EAI em suas trajetórias, como bullying e violência doméstica, ao passo que uma parcela das experiências de violência relatadas pelos órfãos por falecimento ocorrera durante períodos em que suas mães eram vivas. Por outro lado, nota-se com os trechos e a caracterização dos adolescentes que os órfãos foram expostos a um quantitativo superior de EAI, variável apontada pela literatura como um potencial intensificador dos danos advindos da exposição a essas experiências (Rodrigues, 2021). Além da percepção sobre as próprias vivências, o roteiro de entrevista continha questões sobre a temática da agressão, sexual e não sexual, cujas respostas estão dispostas na tabela 2.

Tabela 2

Percepção dos adolescentes acerca da agressão

Item	Participante	Resposta
O que é agressão?	João (OPF)	Trazer a pessoa, né, pra uma área mais ou menos de desconforto, sei lá... com uma agressão verbal, agredir ela fisicamente, né? Causando algum dano emocional nela ou psicológico ou até corporal mesmo, né?
	Mauro (OPF)	Agressão pra mim acho que é soco, um murro, não se.
	Danilo (OPA)	Começa a brigar, começa a bater com outras pessoa.
	Fábio (OPA)	Agressão é quando você agride uma pessoa verbalmente, agressão é quando você agride uma pessoa fisicamente, agressão é quando você agride uma pessoa psicologicamente.
	Marcio (Não órfão)	Agredir o outro ali, parece que espancou o cara deu uns e outros chutes.
O que é agressão sexual?	João (OPF)	Sexual? Estrupo, né? Eu considero já estupro, né... sei lá, ficar com alguém por força e... sem a vontade dela, né? Ou dele, sei lá.
	Fábio (OPA)	Agressão sexual é quando você pega uma pessoa a força pro ato sexual, (...) quando você troca favores, também acho que também é agressão sexual.
	Daniel (Não órfão)	Uma agressão é quando a pessoa não quer, a pessoa não quer e a outra insiste.
O que leva alguém a agredir sexualmente uma criança?	Mauro (OPF)	Aprendi na unidade que isso aí é proibido. (...) Acho que pra mim agora aprendi a lição, acho que isso aí pra mim leva a cadeia mermo.
	João (OPF)	Acho que desejo sexual, sei lá... sentir prazer.

Nota. OPF: órfãos por falecimento; OPA: órfãos por abandono.

Discusión

No que se refere às investigações com adolescentes ofensores, a literatura aponta que a vulnerabilidade social, a exposição à negligência e diferentes tipologias de violências marcam a trajetória dessa população (Bastos *et al.*, 2021; Pullman & Seto, 2014), experi-

ências presentes no relato dos casos e nos trechos destacados na tabela 1. Nessa direção, o conteúdo descrito confirma estudos anteriores que mapearam experiências comumente vivenciadas por ofensores sexuais privados de liberdade, os quais destacam a negligência (Tavares & Costa, 2023), o abuso físico (Ferraz *et al.*, 2023; Reis, 2016) e sexual (Bastos *et al.*, 2021).

Experiências de violência entre não órfãos

No que se refere à trajetória de Marcio e Daniel, os quais pertencem à categoria de não órfãos, destaca-se que, embora os pais se façam presentes durante o desenvolvimento dos adolescentes, esse fator não impediu a exposição a experiências traumáticas. Para Costa *et al.* (2013), a relação familiar é um importante fator para o cometimento da agressão sexual, em razão de que a própria família pode expor o sujeito a contextos de violência ou negligência. Diante dessa exposição ao trauma, a prática da violência pode se tornar uma forma de reagir ao ambiente repleto de adversidades (Rigon, 2012). Além da exposição a adversidades, a presença do núcleo familiar não garante a existência da educação sexual nesse ambiente, assim como uma construção de valores acerca da sexualidade que não reproduza estereótipos de gênero (Aranda *et al.*, 2025; Chica-Apolo *et al.*, 2025).

Nesse cenário, observa-se na trajetória de Daniel a presença da violência doméstica no ambiente familiar e bullying no contexto escolar. Essas experiências são descritas na literatura como fatores de risco para a reprodução da violência, haja vista que escola e família são os ambientes de maior contato do público infantojuvenil, ao passo que são os principais responsáveis pela projeção de comportamentos e valores sobre certo e errado, inclusive acerca da sexualidade (Chica-Apolo *et al.*, 2025; Silva *et al.*, 2021).

Para além da violência sofrida, Daniel relata o uso abusivo de álcool e outras drogas, ou seja, a mesma condição que foi impulsionadora para a prática de violência doméstica por parte de seu pai. Em vista disso, observa-se na trajetória do adolescente o aspecto geracional que a violência apresenta, neste caso utilizada como mecanismo adaptativo frente às experiências traumáticas. Assim como a exposição prolongada à EAI pode propiciar a naturalização da agressão, bem como a manutenção do ciclo da violência (Cavalcante & Veloso, 2023), o consumo de álcool de forma precoce pode resultar em comportamento sexual de risco (Aranda *et al.*, 2025).

Entretanto, em entrevista, Marcio não destacou vivências identificadas por ele como de violência e, quando questionado sobre uma lembrança ruim, destacou o período de dois anos no qual seus pais se separaram. Ao analisar a percepção de Marcio sobre o sis-

tema familiar, compreende-se que a presença de um núcleo percebido como acolhedor não impediu a exposição a adversidades nos demais ambientes com os quais ele interage. Nesse cenário, aponta-se que a adolescência é um período de maior interação entre pares —e busca por validação desses grupos— em comparação à fase anterior, o que, diante da impossibilidade de vigilância parental constante, pode contribuir para o comportamento de risco e percepções disfuncionais sobre sexualidade e violência (Komatsu & Bazon, 2015).

A literatura sobre a adolescência aponta que o aumento da impulsividade e da agressividade são aspectos que compõem esse período, o que torna crucial o papel familiar e comunitário no direcionamento dessa energia para fins construtivos (Costa *et al.*, 2013; Lim & You, 2019). Em vista disso, os casos de reincidência entre adolescentes ofensores sexuais são menores em comparação aos adultos, o que, ao relacionar com as características dessa fase do desenvolvimento, direciona ao ato um possível caráter situacional (Costa *et al.*, 2013; Ryan & Otonichar, 2016). Em outros termos, as características individuais da fase da adolescência, como pouca instrução ou crenças sobre a sexualidade, podem, na ausência de supervisão adequada, contribuir para comportamentos sexuais de risco, com destaque para a agressão sexual (Aranda *et al.*, 2025; Komatsu & Bazon, 2015).

Nessa direção, Pullman *et al.* (2014) destacam uma distinção entre grupos de ofensores exclusivamente sexuais e de ofensores sexuais que cometeram outros atos infracionais. Os autores apontam que, entre os ofensores sexuais e não sexuais, há um quantitativo maior de EAI como violência física, ausência de um dos genitores, uso precoce e/ou abusivo de drogas e negligência emocional. Por outro lado, entre os ofensores exclusivamente sexuais, há uma taxa menor de histórico de namoro ou comportamento sexual precoce e uma preferência por crianças como vítimas, o que, segundo os autores, reflete a prevalência de fatores individuais como de risco para a agressão, como a dificuldade em relacionamentos, enquanto o outro grupo é influenciado por fatores contextuais de modo mais intenso.

Após a descrição dos dois casos de ofensores não órfãos, observa-se diferentes rumos para o cometimento da agressão, o que proporciona a discussão acerca de como fatores de risco distintos, de origem no núcleo familiar ou nos demais ambientes, interagem para tal desfecho. Nessa direção, Daniel relata a vivência de diferentes tipologias de violência em suas relações interpessoais, dentro e fora do ambiente familiar, o que foi apontado em estudos como impulsionador para a reprodução da agressão (Ferraz *et al.*, 2023; Ferreira, 2020). No entanto, a ausência do relato de tais EAI por parte de Marcio pode se

apoiar na literatura sobre os fatores pessoais não relatados que levam ao cometimento da agressão, como a relação entre a impulsividade característica da adolescência, o acesso sem supervisão a conteúdos sexuais e tentativas sem sucesso de interações sexuais entre pares (Costa *et al.*, 2013; Pullman *et al.*, 2014; Ryan & Otonichar, 2016).

Experiências de violência entre órfãos

Embora a literatura sobre orfandade não encontre um consenso acerca da definição desse fenômeno, estudos recentes destacam que a perda de um genitor, por falecimento ou por abandono, proporciona impactos significativos no desenvolvimento do indivíduo que enfrenta tal adversidade (Andayani *et al.*, 2023; Eljo *et al.*, 2023). Diante da análise do formulário e da entrevista, cujos trechos estão dispostos na tabela 1, evidencia-se que os adolescentes órfãos foram expostos a um quantitativo maior de EAI, como violência comunitária, agressão sexual, negligência física e emocional.

Em vista disso, observa-se nos trechos da entrevista a importância atribuída pelo papel da mãe na trajetória dos quatro adolescentes, dentre os quais dois são órfãos maternos e um foi vítima de abandono por parte da mãe durante a infância. Diante do impacto proporcionado pela perda dessa figura de referência antes dos dezoito anos, o adolescente necessita assumir responsabilidades desproporcionais à fase do desenvolvimento, o que pode resultar em disfunções em níveis comportamentais e cognitivos (Silva, 2023; Tshamata & Okpalaenwe, 2023). Torna-se importante pontuar que, quando a perda parental ocorre durante a infância ou a adolescência, a vítima dessa experiência pode não encontrar os recursos psicossociais necessários para elaborar a perda e direcionar a frustração para fins construtivos (Silva, 2019).

A experiência de orfandade esteve relacionada ao contexto da agressão perpetrada por Mauro, dado que, diante do abandono por parte do genitor, o falecimento da mãe agravou o dano socioemocional que marca o desenvolvimento do adolescente. Nesse cenário, o acesso à pornografia e a prática da agressão são experiências cujo início se deu após o falecimento da mãe. Além disso, o adolescente se referiu à mãe no presente durante entrevista, o que demonstra a presença de distorções cognitivas sobre a realidade, assim como a possibilidade de um luto não elaborado, o qual, para Silva (2019), pode contribuir para a manifestação da agressividade, contra si ou o outro.

No que se refere às experiências adversas ligadas à sexualidade, destaca-se que Fabio foi vítima de agressão sexual na adolescência e João foi vítima de tentativa de agressão cometida pelo padrasto, enquanto Danilo trocou atos sexuais por dinheiro. Em vista

disso, estudos com adolescentes ofensores sexuais identificaram que essa população foi frequentemente exposta a experiências sexuais prejudiciais ao desenvolvimento, como o acesso precoce à pornografia e ao comportamento sexual, assim como a exposição à violência sexual, em forma de exploração ou agressão (Bastos *et al.*, 2021; Costa *et al.*, 2013; Ryan & Otonichar, 2016).

A exposição a tais experiências pode se relacionar carência de amparo e instruções que a orfandade proporciona, haja vista que, conforme investigações de Tshamata e Okpalaenwe, com adolescentes órfãos (2023), essa população se encontra em um cenário propício a experimentações prejudiciais ao desenvolvimento sexual. Nessa direção, essa falha na instrução de crianças e adolescentes na condição de orfandade sobre aspectos da sexualidade é descrita para Chica-Apolo *et al.* (2025) como influenciada pela exclusão da sexualidade nas discussões sobre desenvolvimento infantil e pela pouca atenção aos direitos sexuais e reprodutivos dessas faixas etárias em níveis micro e macrosociais.

Para além dos efeitos no âmbito da sexualidade, os estudos de Tshamata e Okpalaenwe (2023) enfatizam que os danos ao desenvolvimento proporcionados pela orfandade atravessam as esferas psíquicas, sociais e/ou cognitivas, os quais tendem a gerar comportamentos agressivos e criminosos. No que se refere ao histórico infracional, Mauro, João e Fabio se envolveram em atos infracionais antes do cometimento da agressão. Diante da ausência desse histórico entre os adolescentes não órfãos, retorna-se a discussão sobre a busca por mecanismos de adaptação frente à lacuna no desenvolvimento emocional produzida pelo desamparo socioafetivo. A investigação de Coscioni *et al.* (2019), com adolescentes privados de liberdade, identificou entre a amostra a percepção do cenário de práticas ilícitas como fonte de segurança econômica, reconhecimento da comunidade e criação de laços vistos por eles como «uma família».

Nessa direção, ao investigar a trajetória dos participantes descritos como órfãos, evidencia-se a frágil rede de cuidados proporcionada pela ausência de um ou ambos os genitores, o que corrobora com estudos recentes sobre os efeitos da orfandade (Eljo *et al.*, 2023; Tshamata & Okpalaenwe, 2023). Diante da carência de cuidado e orientação, ao se relacionar com as características da fase do desenvolvimento, os participantes foram expostos frequentemente a fatores de risco, pessoais e contextuais, que propiciam o cometimento da agressão sexual, bem como uma visão distorcida do ato.

Entretanto, a experiência de morte ou abandono dos pais pode afetar a constituição de relações interpessoais saudáveis, diante da barreira estabelecida na construção de confiança nas relações, associadas à contínua sensação de desamparo em relação aos seus

responsáveis (Lim & You, 2019; Silva, 2023). Esses efeitos podem propiciar o contexto para a dificuldade de desenvolver empatia pela vítima, variável considerada pela literatura como significativa para o cometimento da agressão, decorrente da naturalização da violência (Reis, 2016).

Tal naturalização da violência, cuja construção se dá após a recorrente exposição à agressão em idade precoce, pode se direcionar ao outro, como o caso das vítimas da agressão, mas também a si mesmo, diante da minimização da severidade das próprias experiências traumáticas (Ferraz *et al.*, 2023). Em vista disso, as falas de Mauro e João retratam casos de violência física no contexto doméstico, e coletivo, respectivamente, com termos que normalizam a agressão sofrida e minimizam a intensidade da adversidade. Enquanto Mauro se refere à agressão praticada pela genitora como «coisa de mãe», João descreve a experiência de tentativa de assassinato como «meio chata» em diferentes momentos da entrevista. Esses relatos podem demonstrar uma percepção distorcida no que se refere à gravidade e à intensidade não somente da agressão praticada, como também de experiências como vítima.

Contexto de agressão e percepção da violência

Marcio, Mauro e Danilo, ao descrever a percepção sobre agressão, a associam ao uso da força física, fazendo uso de vocábulos como «raiva» e «espancar» para defini-la, como demonstra a tabela 2. De acordo com Silveira (2021), essa associação reflete a reprodução da violência já experienciada, a qual se fundamenta nas relações de poder estabelecidas pelo uso da força física. Para a autora, a preferência por crianças como vítimas também evidencia a manutenção das relações de poder. Ao considerar que os três adolescentes afirmam não saber definir a agressão sexual, a associação direta entre a agressão e o uso da força demonstra a pouca ou ausente percepção do que seria uma agressão sexual, assim como gravidade do ato (Silveira, 2021).

Nessa direção, a não percepção do ato cometido como agressão por parte de Marcio e Danilo, assim como a transferência da responsabilidade do ato à irmã ou às drogas, no caso de Mauro e Fábio, evidencia a visão distorcida acerca da violência, sexual e não sexual, a qual foi construída dentro e fora do ambiente familiar. Em vista disso, o período da adolescência é caracterizado como de vulnerabilidade diante da necessidade de orientação e supervisão para garantir um desenvolvimento saudável, pois o adolescente tende a criar uma visão distorcida sobre comportamentos sexuais (Costa *et al.*, 2013; Silveira, 2021). A fragilidade ou ausência dessa rede de cuidados, comum entre crianças e adoles-

centes que perderam um dos genitores (Silva, 2023), associada à exposição a diferentes formas de violência, potencializam a manifestação da agressão, sexual e não sexual, assim como a naturalização dela (Ferreira, 2020).

Nota-se que João e Fábio, ambos órfãos na dupla posição de vítimas e autores de violência sexual, descrevem suas percepções sobre agressão abrangendo diferentes tipologias, como a física e a psicológica, ao passo que verbalizam uma definição concreta de agressão sexual. Embora a literatura alerte que a vitimização da violência sexual não é determinante para o seu cometimento no futuro (Bastos *et al.*, 2021; Silveira, 2021), os trechos apontam para uma percepção da agressão com menor nível de distorção em comparação aos adolescentes que não foram vítimas dessa tipologia de violência. Tal visão da agressão demonstra uma compreensão da gravidade do ato cometido, porém não reflete de forma significativa no contexto de agressão. Conforme Silveira (2021), adolescentes ofensores sexuais que foram vítimas dessa forma de violência apresentam uma percepção do ato diretamente relacionada com as experiências adversas enfrentadas durante a trajetória.

Os achados demonstraram como a família pode se relacionar de formas distintas com as percepções sobre violência e sexualidade entre adolescentes, seja normalizando e reproduzindo comportamentos agressivos ou os expondo a adversidades na esfera sexual que serão elaboradas e interpretadas com os próprios recursos a partir da ausência dessa rede. Diante da percepção da familiar como a responsável pela educação sexual (Chica-Apolo *et al.*, 2025), esta pesquisa aponta para a urgência em envolver a comunidade nesse processo, pois a presença de um ou ambos os pais também podem colaborar para a existência de lacunas ou noções de sexualidade que envolvam práticas violentas.

Nesse cenário, torna-se necessário retornar a discussão acerca da multifatorialidade da agressão sexual, a qual não é perpetrada por uma razão isolada ou a exposição do autor a uma determinada experiência traumática. Por outro lado, ao pôr em foco a variável da orfandade, observou-se particularidades entre os subgrupos de órfãos e não órfãos, associado à exposição a múltiplas adversidades que é apontada pela literatura como característica da condição da orfandade. Ao considerar a característica heterogênea dessa população, os achados descritos contribuem para a identificação de variáveis as quais, em relação com o ambiente psicossocial do adolescente, propiciam o cometimento da agressão. Assim, espera-se fomentar a discussão sobre a responsabilidade social diante da prática da violência, sexual e não sexual, pondo em foco os eventos contextuais, resultados

da interação entre indivíduo e ambiente, como participantes significativos na prática do comportamento agressivo.

No que se refere às limitações do estudo, aponta-se a dificuldade em extrair informações pelos adolescentes acerca do ato cometido ou temas associados. Nesse contexto, observa-se, entre um fragmento da amostra, a recusa em relatar com clareza o episódio de agressão ou o relato com elementos divergentes em comparação ao prontuário. Diante desse fator, uma parcela considerável das informações acerca do ato fora coletada a partir do prontuário disponibilizado pela unidade socioeducativa.

Para investigações futuras, indica-se a ampliação dos dados acerca da trajetória dos autores de agressão, o que pode impulsionar a compressão da violência sob o olhar de quem a perpetrar. Em vista disso, a expansão do conhecimento produzido sobre essa temática pode contribuir para o monitoramento das medidas estabelecidas para a reinserção social de adolescentes que cumprem medida socioeducativa pelo ato. Nesse contexto, torna-se relevante pontuar que, diante de um contexto marcado pela vulnerabilidade social e afetiva, as intervenções com esse grupo não devem se reduzir ao caráter punitivo, mas investir em acompanhamento e tratamento.

Para além de estudos que auxiliem a potencializar o tratamento de adolescentes privados de liberdade pelo ato, incentiva-se investigações que explorem a percepção sobre violência e sexualidade entre adolescentes, tendo como foco a construção de uma política de prevenção contra a agressão sexual que demonstre a relevância do papel comunitário nesse processo.

Referencias

- Alves, J., Dutra, A., & Maia, A. (2013). História de adversidade, saúde e psicopatologia em reclusos: Comparação entre homens e mulheres. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(3), 701-709. <https://doi.org/10.1590/s1413-81232013000300016>
- Andayani, T. R., Hidayati, F., Sadwika, P. A., Hardjono, H., & Astriana, S. (2023). Self compassion and hardiness in orphan teens. *AMCA Journal of Community Development*, 3(1), 14-18. <https://doi.org/10.51773/ajcd.v3i1.228>
- Aranda, M., Robles, J. L., & Montes-Berges, B. (2025). Conductas sexuales en jóvenes: percepción de riesgo y creencias sobre el alcohol. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 23(2), 1-25. <https://doi.org/10.11600/rlcsnj.23.2.6670>

- Araújo, E. F. F., & Cavalcante, L. I. C. (2024). Jovens autores de agressão sexual: Fatores de risco e experiências adversas. *Psi Unisc*, 8(1), 07-26. <https://doi.org/rm2z>
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Persona.
- Bastos, K., Eusébio, A., Pereira, K., Silva, T., & Costa, L. (2021). Características dos adolescentes ofensores sexuais e de suas vítimas: um estudo de processos judiciais. *Saúde e Sociedade*, 30(1), e181112. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902021181112>
- Bronfenbrenner, U. (2012). *Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos*. Artmed.
- Chica-Apolo, A., Castillo-Núñez, J., Palacios-Jerves, S. & Largo, R. (2025). Percepciones de padres/madres sobre educación sexual integral para niños/as en Cuenca, Ecuador. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 23(2), 1-21. <https://doi.org/10.11600/rllcsnj.23.2.6674>
- Coscioni, V., Farias, B., Rosa, E., & Koller, S. H. (2019). Significados do mundo do crime para adolescentes em medida socioeducativa de internação, Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 17(2), 1-20. <https://doi.org/hgks>
- Costa, L., Junqueira, E., Meneses, F., & Strober, L. (2013). As relações familiares do adolescente ofensor sexual. *Psico-USF*, 18(1), 33-44. <https://doi.org/f5t2>
- Eljo, J., Asha, A. & Dev, P. S. (2023). Psycho-social problems of covid-19 orphan children in India. *International Journal of Development Research*, 13(11), 64258-64262.
- Felitti, V., Anda, R., Nordenberg, D., Williamson, D., Spitz, A., Edwards, V., Koss, M., & Marks, J. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: The Adverse Childhood Experiences (ACE) study. *American Journal of Preventive Medicine*, 14(4), 245-258. <https://doi.org/btqccf>
- Ferraz, M., Cavalcante, L., Veloso, M. (2023). Experiências adversas na infância: Um estudo com autores de agressão sexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 25(3), ePTPSP15116. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPSP15116.pt>
- Ferreira, M. A. (2020). *Relação entre experiências adversas na infância, distorções cognitivas e delinquência numa amostra comunitária de jovens* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho]. Repositório UM. <https://hdl.handle.net/1822/68943>
- Komatsu, A. V., & Bazon, M. R. (2015). Caracterização de adolescentes do sexo masculino em relação a comportamentos antissociais. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 13(2), 725-735. <https://doi.org/10.11600/1692715x.13212210814>
- Lim, S. A., & You, S. (2019). Effect of parental negligence on mobile phone dependency among vulnerable social groups: Mediating effect of peer attachment. *Psychological Reports*, 122(6), 2050-2062. <https://doi.org/10.1177/0033294118799339>

- Meza-Galván, D., & Cruz-Torres, C. (2025). Crianza violenta sufrida y su reproducción hacia hijos e hijas. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 23(2), 1-18. <https://doi.org/10.11600/rllcsnj.23.2.6538>
- Moura, A. S. (2007). *A criança na perspectiva do abusador sexual*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Pullman, L., & Seto, M. (2014). Assessment and treatment of adolescent sexual offenders: Implications of recent research on generalist versus specialist explanations. *Child Abuse & Neglect*, 36(3), 203-209. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2011.11.003>
- Reis, D. C. (2016). *Autores de agressão sexual de crianças e adolescentes: Características biopsicossociais e trajetórias de vida* [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional da UFPA. <https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/18377>
- Rigon, R. A. (2012). *Delinquência Infantojuvenil: Uma abordagem desenvolvimentista em criminologia*. Juruá.
- Rodrigues, G. F. C. (2021). *Sintomatologia dissociativa, experiências adversas na juventude e comportamento agressivo na idade adulta: Estudo em contexto hospitalar* [Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário Egas Moniz]. IBICT. <http://hdl.handle.net/10400.26/39921>
- Ryan, E. P., & Otonichar, J. M. (2016). Juvenile sex offenders. *Current Psychiatry Reports*, 18. <https://doi.org/10.1007/s11920-016-0706-1>
- Silva, G., Lima, M., Acioli, R., & Barreira, A. (2021). A influência da violência familiar e entre pares na prática do bullying por adolescentes escolares. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 4933-4943. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.20632019>
- Silva, G. R. Z. (2019). *Luto Infantojuvenio*. Fama.
- Silva, R. P. (2023). *Experiências adversas na infância e problemas emocionais e comportamentais em crianças adotadas: Papel da compreensão parental da perda e trauma* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/154837>
- Silveira, V. da S. (2021). *Adultos e adolescentes autores de agressão sexual: Características biopsicossociais e suas percepções sobre infância, adolescência e violência*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional da UFPA. <https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/13773>
- Tavares, A. S., & Costa, L. F. (2023). Atendimento psicossocial grupal a adolescentes que cometeram ofensa sexual. *Psi Unisc*, 8(1), 113-131. <https://doi.org/rm24>
- Tshamata, S. K., & Okpalaenwe, E. (2023). Influence of parents' death on psychosocial wellbeing of adolescents: Selected orphanages in Nairobi, Kenya. *International*

Journal of Research and Innovation in Applied Science, 8(7), 100-107. <https://doi.org/10.51584/ijrias.2023.8711>

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Bookman.

Zaitov, E. Kh., & Jusubaliev A. R. (2023). Orphanhood as a complex social phenomenon that is causing controversy in the world of science. *European Journal of Research Development and Sustainability*, 4(1), 94-96.

Transparencia

Financiamiento

Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) segundo o parecer 18209313.1.0000.5172.

Agradecimientos

Gostaríamos de agradecer ao Grupo de Estudos de Autores de Violência da Universidade Federal do Pará (Pará-Brasil), o qual impulsionou academicamente e emocionalmente o desenvolvimento desta pesquisa. Nessa direção, a coleta de dados só foi possível graças ao aceite da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará para a entrada das pesquisadoras no campo e dos adolescentes que foram atores na construção dos resultados. Como financiadora, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico proporcionou as condições estruturais e financeiras para a realização do estudo.

Conflictos de interés

Los autores no reportan ningún conflicto de interés.

Datos abiertos de la investigación

Los autores no permiten acceso abierto a los datos de la investigación.

Materiales abiertos de la investigación

Los autores no permiten acceso abierto a los materiales de la investigación.

Pares revisores del artículo (comité científico)

Camilo Noreña Herrera, Universidad de Antioquia, Colombia.

Francyne dos Santos Andrade, Universidad Católica de Petrópolis, Brasil.

Revisión académica (revisión de escritorio)

Héctor Fabio Ospina, Universidad de Manizales, Cinde. Doctor en Educación de la Nova University-Cinde.

Simón Montoya-Rodas, Corporación Akará. Doctor en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud de la Universidad de Manizales y el Cinde.

Revisión editorial

David Arturo Acosta-Silva, Universidad de Manizales, Corporación Universitaria Unitec. Doctor en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud de la Universidad de Manizales y el Cinde.

Licencia

Este es un artículo de acceso abierto distribuido en concordancia con los términos de la licencia Creative Commons 4.0 Atribución/Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional, la cual permite compartir (copiar y redistribuir el material en cualquier medio o formato) o adaptar (remezclar, transformar y construir a partir del material), si y solo si, se da crédito de manera adecuada, se brinda un enlace a la licencia y se indica si se han realizado cambios. Puede hacerlo en cualquier forma razonable, pero no de forma tal que sugiera que usted o su uso tienen el apoyo del licenciante. No se permiten los usos comerciales del material. Si se remezcla, transforma o crea a partir del material, se debe distribuir la contribución bajo la misma licencia del original. Véase: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.es>

Declaración uso inteligencia artificial

Los autores no reportan ningún uso de sistemas de inteligencia artificial.